

Reflexões sobre o estatuto da linguística aplicada: novos rumos para velhos temas

Lucas Piter Alves COSTA¹

Resumo: Por que certas questões são retomadas ainda hoje quando o assunto é Linguística Aplicada? Qual a lógica e a política que guiam esses debates? A Linguística Aplicada é uma disciplina, uma área de concentração ou uma ciência? Qual a relação da Linguística Aplicada com a Linguística Teórica? E por fim, por que ainda é importante retomar essas questões? Com base em alguns linguistas aplicados (Moita Lopes, 1998, 2006; Rajagopalan, 2006; Cavalcanti, 2004; dentre outros), nossa intenção neste trabalho foi tentar responder a essas questões e levantar outras sobre o estatuto da LA. O resultado destas reflexões pode evidenciar que as discussões sobre o estatuto da Linguística Aplicada não se pautam apenas em questões teóricas e/ou ideológicas.

Palavras-chave: ciência e cientificidade; legitimidade institucional; linguística.

Abstract: Why certain issues still are taken today when the subject is Applied Linguistics? What is the logic and politics that guide these discussions? The Applied Linguistics is a discipline, a concentration area or a science? What is the relationship of Applied Linguistics with Theoretical Linguistics? And finally, why it is still important to take these issues? Based on some applied linguists (Moita Lopes, 1998, 2006; Rajagopalan, 2006; Cavalcanti, 2004; among others) our intention in this paper was to try to answer these questions and bring other about the status of Applied Linguistics. The result of these reflections can reveal that discussions about the status of Applied Linguistics are based not only on theoretical aspects and / or ideological beliefs.

Keywords: science and scientificity; institutional legitimacy; linguistic.

Considerações iniciais

A linguagem como prática social, este objeto amplo, diversificado e que já vem sendo alvo de muita teorização por parte de várias áreas das Ciências Humanas, é também foco da Linguística Aplicada (LA). Mas durante muito tempo, desde a sua origem como disciplina, quando se falava do objeto da LA, a resposta invariavelmente girava em torno da aplicação de pressupostos da Linguística ao ensino/aprendizagem de línguas. De fato, sua preocupação mais evidente foi essa, mas não a única.

Quando retomamos algumas das questões sobre a LA, como:

a) seu objeto e objetivos de estudo, b) seu percurso histórico, ou, c)

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Bolsista FAPEMIG. Correio eletrônico: johannlufter@yahoo.com.br.

seu arcabouço teórico-metodológico, indiscutivelmente damos corpo àquela notória pergunta “O que é Linguística Aplicada?”. E atrelada a essa pergunta, temos outra, *implícita* no artigo de Vera Menezes (2009), que diz respeito ao espaço ocupado pela LA no quadro geral dos estudos da linguagem: “De onde viemos, para onde vamos?”. Dado que a primeira pergunta pode ser respondida com base nos muitos artigos a respeito, a segunda parece apontar para certa nebulosidade no que concerne aos limites da LA.

Posto isso, nossa intenção neste trabalho é retomar algumas questões e levantar outras sobre o estatuto da LA. Trata-se de um trabalho reflexivo, que não pretende instituir alguma verdade, ou encontrar respostas para as questões que até hoje são colocadas para a LA. A intenção deste trabalho é desestabilizar pensamentos já muito enraizados sobre as práticas sociodiscursivas ditas *aplicadas*, e instigar um posicionamento *crítico* diante da *realidade* que norteia as discussões que serão retomadas.

Entre a ciência e a cientificidade

Por que afirmar que a LA não é uma ciência, e sim uma disciplina? Parece existir uma confusão quando se fala em uma *linguística aplicada*, diferente de *Linguística Aplicada*, referindo-se à postura e ao compromisso do pesquisador para com a sociedade. A conjuntura econômica das últimas cinco ou seis décadas obrigou de maneira crescente qualquer campo de estudo ter um caráter prático. Acredito que a dicotomia *prática* e *teoria* já não seja critério para separação de campos de atuação científica. Assumir que toda parte prática nos campos de estudo da linguagem (ou melhor, da linguística) seja exclusividade da LA é a causa da oscilação sobre a definição do que é a LA – oscilação que ainda tem gerado artigos sobre o tema.

Nota-se que o caráter prático é o ponto mais consistente da LA e que, de fato, coloca-a muito à frente de disciplinas essencialmente teóricas em relação à abordagem de problemas sociais. Se esse caráter prático é o que a qualifica de modo diferente daquela Linguística de gabinete da época de Saussure, isso não quer dizer que se trata de uma outra Ciência, autônoma. As práticas evidenciam que a LA tem cientificidade. Mas as disciplinas que se prezam também têm sem serem

ciências autônomas. Afirmar a autonomia científica da LA em uma época de transdisciplinaridade é dizer que a Linguística de Saussure é uma Ciência estagnada no tempo. Não creio que seja o caso.

As Ciências evoluem, e parte dessa evolução se dá pela sua dispersão em disciplinas. Quando uma disciplina adquire autonomia e centralidade suficientes de modo que sua origem pareça distante, temos o nascimento de uma Ciência. Não me parece ser este um fenômeno comum na pós-modernidade. Aliás, é o *pluricentrismo*, sim, uma característica das disciplinas pós-modernas (CLANDLIN, 2003 *apud* MENEZES, 2009).

De alguma forma, todas as Ciências vieram da Filosofia. Do mesmo modo, a LA, como Disciplina, veio da Linguística, como Ciência. O surgimento da LA instaurou no cerne da Linguística questões de uma tal amplitude que não é de se assustar que haja um debate sobre seu estatuto paralelo à Linguística até hoje — um debate sempre retomado com a participação de *recém iniciados* no campo da LA. A questão não seria tanto definir o que é ciência, e sim o que é *fazer ciência*. Se a cientificidade dos estudos da linguagem já foi muito questionada em meio ao positivismo e ao tecnicismo, com o surgimento da LA, o questionamento começou a vir de dentro da própria ciência, devorando os limites das disciplinas que se achavam até então insulares.

A linguística aplicada nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência. (MENEZES, 2009, s/p.).

Um ponto muito importante sobre a origem da LA e sua atual posição como disciplina é que ela se iniciou no ambiente mais profícuo para o estudo da linguagem: a Escola, não no sentido material apenas, mas no sentido de instituição discursiva que detém uma prática específica de uso da linguagem — a prática de ensino —, que seria ponto de partida para a LA. A partir daí, a *reflexividade* inerente à LA em relação às questões que tomou para si desde a sua origem funciona como provocação às demais disciplinas. Ao se indagar “O que nós fazemos?”, os linguistas aplicados suscitam a mesma indagação nos seus pares de outras disciplinas. De fato, a LA é uma disciplina essencialmente

provocativa. Uma (in)disciplina, como sugeriu Moita-Lopes (2006). Ela não nasceu como disciplina de *aplicação linguística*, mas como disciplina de *investigação linguística*, como “uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada.” (MENEZES, 2009, s/p.).

Por ser indutiva, a LA pode contribuir muito para o desenvolvimento das outras áreas da Linguística. Da mesma forma, essas outras áreas, focando especificamente seus objetos, podem oferecer material para a LA. Não é por existir esse mutualismo que haverá uma relação de ramificação entre as áreas envolvidas. A LA não pode pretender dizer que outra disciplina é sua vertente enquanto não se firmar teórico-metodologicamente (e isso talvez ainda esteja em vias de acontecer, pois a amplitude do projeto linguístico-aplicado criou uma problemática que vem se arrastando desde as décadas de 1940-50: a delimitação de suas fronteiras).

Enxergar a contribuição mútua entre as disciplinas da Linguística não significa afirmar que elas se aproximam teórico-metodologicamente, nem que abordam seus objetos de maneira similar, embora por vezes abordem o *mesmo objeto*.

Por exemplo, Menezes (2009) citou o objetivo do curso de LA de Edimburgh. A parte que ressalta desse objetivo é aquela que afirma que a LA examina o uso da linguagem em variadas situações sociais, como a linguagem na conversa cotidiana, em situações educacionais, em contextos médicos, etc. O exame do uso da linguagem nessas situações pode ser contemplado também pela Análise do Discurso (AD), que poderia efetuar uma análise, por exemplo, das relações de poder entre professores e alunos nas redes pública e privada de ensino, ou das relações de afetividade entre médicos e pacientes nos sistemas público e privado de saúde. Tanto a AD como a LA poderiam estudar a mesma situação de uso da linguagem, podendo até se beneficiarem mutuamente, mas o quadro teórico-metodológico seria distinto, bem como as razões históricas que transformaram tais manifestações linguísticas em objeto de estudo de cada disciplina.

A LA é uma disciplina que parte da observação de uma prática de linguagem para a teorização sobre os problemas dessa prática. Neste estágio, ela toma emprestado pressupostos de outras áreas. O que a LA deverá definir para ter um arcabouço teórico-metodológico próprio

são os critérios de observação da prática de linguagem; o motivo dessa observação antecipada ser tão importante para sua constituição de objetivo; no que a disciplina acredita para adotar tais critérios; e, por fim, como e por que adotar pressupostos de outras áreas. Este último ponto, uma vez resolvido, deve ser capaz de diferenciar quando uma abordagem de determinado pressuposto teórico parte da disciplina de origem ou é feita pela LA. O *modus operandi* da LA em relação aos arcabouços teóricos de outras disciplinas é o que distinguirá as ideias de *linguística aplicada* e *aplicação de linguística*. Neste estágio, a LA terá construído seu arcabouço teórico-metodológico.

Nos limites da academia

De todas as questões que o surgimento da LA levantou no meio dos estudos da linguagem, passando pelas questões sobre a sua localização como disciplina até chegar às questões provocativas sobre a atuação das outras áreas da Linguística, talvez a maior delas seja: por que é importante discutir tudo isso? Em outros termos, que benefício a grande massa iletrada ou semi-letrada terá com a discussão na academia sobre o estatuto das disciplinas? Por fim, a localização de uma disciplina é critério exigido (ou necessário) para que ela cumpra seu papel social? As respostas para essas perguntas talvez evidenciem um aspecto nada agradável da atual conjuntura a que o saber científico está submetido.

Cavalcanti (2004) ressalta que uma área de conhecimento se desenvolve no plano político e acadêmico. Algumas áreas já surgem legitimadas, outras, como é o caso da LA, segundo ainda a autora, precisam conquistar o seu espaço. São essas considerações que norteiam a proposta de Cavalcanti (2004) nesse artigo, que é apresentar panoramicamente a história da LA no Brasil, a fim de mostrar que a LA é uma "área de conhecimento autônoma", apesar da visão que se tem no país de que ela é uma subárea da Linguística.

Apesar da LA estar no Brasil desde meados da década de 60, poucos pesquisadores se chamavam de linguistas aplicados até então. Das décadas de 60 e 70, ressalta-se que a LA no Brasil, assim como em outros países, esteve relacionada ao ensino/aprendizagem de Língua Inglesa, focando a aplicação de teorias linguísticas ao ensino em sala

de aula. Foi em 1971, que F. Gomes e M. A. A. Celani fundaram o primeiro Programa de Pós-Graduação em LA, na PUC-SP.

Na década de 80, o quadro da LA mudou consideravelmente no Brasil, com a implantação de mais Programas de Pós-Graduação, de inúmeras pesquisas e de revistas especializadas. E na década de 90, sua consolidação teve dois fatos marcantes: 1) a criação da ALAB, que passou a dialogar diretamente com a AILA, mudando o papel secundário da LA brasileira no cenário internacional (que antes se dava através da ABL); e 2) a implantação da disciplina Linguística Aplicada nos cursos de Graduação do país.

Desafio e reconhecimento. É no cerne dessas duas ideias que Cavalcanti (2004) acredita se inserir a LA. Eu diria que essas ideias são margeadoras de qualquer disciplina que teve as décadas de 80 e/ou 90 como marcos de mudança de paradigma. São momentos em que os limites disciplinares foram postos em questão em todo o cenário ocidental do saber. É o caso da LA (atenta para a necessidade de se teorizar, e adotar um "gabinete") sobre as relações estabelecidas no interior de seu quadro geral, visto que a LA é, sem dúvida, um "lugar de interface com outras áreas"² (CAVALCANTI, 2004, p. 26). Retomo o que eu disse sobre a LA definir seu arcabouço teórico-metodológico e o trajeto que precisa percorrer para definir isso.

Tomando a LA e a Linguística como áreas separadas, paralelas e relativamente autônomas, parece haver um espelhamento entre elas, no sentido que pode haver uma mesma disciplina com seu caráter acentuadamente "aplicado", no sentido da LA, e seu caráter acentuadamente "teórico", no sentido da Linguística, tendo esses dois caracteres uma pequena parcela um do outro. Isso está perfeitamente associado à transdisciplinaridade na formação do conhecimento na contemporaneidade. Por este viés, seria válido dizer que haveria uma Análise do Discurso, uma Sociolinguística, uma Linguística Textual, etc, enraizadas na LA e outras, espelhadas, na Linguística. E vice-versa com disciplinas aparentemente estagnadas que podem ter mudado de nome ao se espelharem, ao se desenvolverem dentro de pressupostos linguístico-aplicados. Tal espelhamento reflete ainda duas formas de produção de conhecimento: a forma indutiva e a dedutiva. De fato, a linguagem tem sido abordada por vezes dessas duas maneiras.

Essa forma de visualização da fragmentação do conhecimento

² O texto original é o que se segue: "[...] locus of interface with others areas".

se coaduna se compararmos o perfil do cientista, do intelectual ou do erudito pré-modernista com o do pós-modernista. Houve uma mudança inversamente proporcional na aquisição de conhecimento: se antes a autoridade científica era adquirida por visões cada vez mais holísticas do mundo, visões horizontais, hoje a autoridade científica é adquirida em áreas de especialização, numa visão vertical do mundo. Na contemporaneidade não se encontra o indivíduo que sabe pintar, compor, escrever, que tem noções de botânica e física ou de outras áreas distintas. Esse indivíduo não é absorvido no mundo apressado movido pelo capital e pela tecnologia. Encontra-se o indivíduo que sabe muito daquilo sobre o qual só ele se especializou.

Portanto, se uma árvore genealógica fosse feita para abrigar as áreas de conhecimento hoje existentes, teríamos que partir do específico para o geral, e veríamos que uma mesma área aparentemente restrita pode cobrar sua paternidade de incontáveis outras áreas amplas. A organização linear da árvore genealógica não dá mais conta de representar o quadro geral do conhecimento científico em uma época de transdisciplinaridade. E a LA e tantas outras áreas de estudo da linguagem estão aí para servir de exemplo desse “enraizamento genealógico”.

Rompendo a disciplina

Como Moita Lopes (1998) via a LA ao levantar a questão que encabeça seu artigo? De início, dentro de um quadro interdisciplinar, como afirmou que era defendida a visão de LA. De fato, é pré-requisito para o linguista aplicado reconhecer que seu problema é multidimensional, que pode ser abordado sob distintos pontos, e que sua “resolução”, atenuação ou explanação deva passar por essas abordagens. Entender a natureza do problema dessa forma é crucial para a proposta da LA, que é estabelecer um estudo a partir de um contexto de ação em que a linguagem é usada. Isso deixa evidente que os problemas levantados não são de caráter puramente teórico, pois são levantados nesse contexto.

Mas a questão retórica levantada por Moita Lopes (1998) no título de seu artigo *A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?* parece não ter sido respondida ainda, embora tenda muito

para o *sim*. De lá para cá, os conceitos inter, multi, pluri e transdisciplinar foram colocados em ponto de discussão. Ademais, o quadro em que se insere a LA mudou, como tem mudado rapidamente, e antigas questões ainda têm sido retomadas, mas sob olhares diferentes agora. Uma dessas questões tange sobre a natureza da LA. Não exatamente sobre seu estatuto no âmbito científico como um todo, mas sim sobre aquilo que a torna coerente e que faz com que os linguistas aplicados se reconheçam — e este é um ponto muito importante se estamos discutindo transdisciplinaridade e limites disciplinares.

Moita Lopes (1998) defende que não é possível a LA ser transdisciplinar sob a argumentação de que tal modo de produção seria impossível para uma área de investigação. Ora, a “ciência nunca teria sido ciência se não fosse Transdisciplinar” (MORIN, 2002. p. 132). Moita Lopes (1998) esquece, no entanto, de esclarecer que um dos princípios da transdisciplinaridade é a interiorização de pressupostos de outras áreas (*áreas* aqui em sentido geral), ou seja, adota-se contribuições de outras pesquisas científicas em um processo de (re)interpretação e avanço dessas contribuições. O resultado daí são teorias, categorias ou metodologias muito próprias, e que, embora não neguem suas origens, não são pertencentes àquela área da qual a disciplina em questão pedira o empréstimo.

Cabe indagar se o conceito de *disciplina* a que estamos acostumados a lidar tem dado conta de abarcar fenômenos como a transdisciplinaridade — e esse é um ponto que mereceria uma discussão, dada à mudança no paradigma científico em geral com as políticas departamentais, os interesses de financiamento, as parcerias privadas, e todo o tipo de atravessamento discursivo na atmosfera de produção de conhecimento.

Moita Lopes (1998) comete, ainda, o equívoco de definir *interdisciplinaridade* por *transdisciplinaridade* ao comentar que o esforço “interdisciplinar envolve a integração de ideias ao nível macro ou do essencial na tentativa de construir uma nova teoria e uma nova compreensão do problema” (p. 115). Nota-se que as ideias que possibilitarão a construção de uma nova teoria são absorvidas, internalizadas. Essa apropriação é característica da transdisciplinaridade, uma vez que as práticas interdisciplinares mantêm claramente a origem das ideias integradas.

As considerações de Moita Lopes (1998) sobre a prática interdisciplinar na universidade parecem supor que as disciplinas são estanques, e que uma configuração diferente disso seja desestabilizadora da estrutura acadêmica. Considerando que se trata de um artigo de 1998, essa ilusão pode parecer ter fundamento, mas atualmente não procede, sobretudo com o incentivo dos PCN, as abordagens inter e transdisciplinares nas escolas. Para ficarmos só na área de Letras na universidade, o que dizer então da Literatura? Que estruturas estão sendo desestabilizadas pelos Estudos Literários e em que eles são repelidos? Voltando-se para a Linguística, o que dizer da Análise do Discurso? Os próprios analistas reconhecem o caráter inter e transdisciplinar da AD, e, se o apontamento de Moita Lopes (1998) procedesse, não haveria programas de pós-graduação tão estáveis na área.

Questionando a si mesmo

Questionar os campos de conhecimento é, na pós-modernidade, questionar a tradição científica até então e percorrer a história da Ciência (ainda a partir de um campo de conhecimento) para achar lacunas no fazer científico em que a relação entre o homem, o saber e a sociedade não foram equilibradas. Em todo caso, tal empreendimento reforça “uma insatisfação em relação ao modo como as coisas estão [em um dado] campo, ainda que se fale como um pesquisador de dentro dessa área” (MOITA LOPES, 2006, p. 14). Em outras palavras, na pós-modernidade ficou evidente que o pesquisador estabelece uma relação problemática com a Ciência como um todo, pois não há mais aquela postura do Eu e os Outros, do Meu conhecimento e os Seus saberes, crenças, etc. Na pós-modernidade, o Eu do pesquisador é parte dos Outros, e o Seu conhecimento é construído em diálogo com os dos Outros.

A tradição científica, até então, tinha relegado um lugar muito diferenciado ao pesquisador, mas os questionamentos advindos de dentro e de fora das instituições científicas têm desestabilizado esse lugar, rompendo aquele estereótipo do cientista enclausurado. São exigidas do pesquisador competências sociodiscursivas muito avessas àquela prática do isolamento. O cientista foi sociabilizado, pois a Ciência, em seu sentido lato, deixou de ser uma *doutrina* destinada a

poucos iniciados, ela passou a ser uma prática social da qual, muitas vezes, outros agentes, que não os cientistas, fazem parte.

Esse novo estatuto da Ciência resulta em uma heterogeneidade marcante na produção de conhecimento. Múltiplas vezes têm atravessado a Universidade, e a mais forte, porém menos evidente, é a do Capitalismo, que pode ainda se camuflar em outros discursos, como o do *retorno à sociedade* e o da *inclusão social*.

No caso específico da LA, pensar o *retorno à sociedade* e a *inclusão social* sob a perspectiva capitalista remete automaticamente ao papel da linguagem em um mundo globalizado. E mais uma vez, ao se pensar esse papel, retomam-se questões sobre a epistemologia da LA — embora o quadro dessas questões seja muito diferente daquele de meados de 1980-90, como pode ser visto em Moita Lopes (2006). Não poderia ser diferente para uma área do conhecimento que surgiu reflexiva em meio ao que Giddens (1991) conceituou como *modernidade tardia*.

A questão que gostaria de levantar é saber se a LA é tão reflexiva por se inserir em variadas situações em que a linguagem é fator determinante da problemática ou se ela é reflexiva por ser esta a condição das áreas de conhecimento pós-modernas. Delimitar algumas respostas para essa questão se faz importante pelo fato da reflexividade constante interferir claramente na maneira que os linguistas aplicados fazem o seu trabalho. Até onde a LA não se dispersa ou se fragmenta em meio a tantos debates entre pesquisadores diversos? Como esses debates interferem na construção de seus *corpora*?

Ao contrário de Moita Lopes (2006), defendo que os linguistas aplicados deveriam esclarecer suas coordenadas de atuação pelos seguintes motivos: 1) pela grande impossibilidade teórico-metodológica de abarcar todos os ambientes onde a linguagem é central numa problemática sem gerar dissidências no interior de seu campo (a LA Crítica pode ser muito bem um indício de que os linguistas aplicados tenderão a se dispersar nos próximos anos); 2) a falta de uma unicidade visível pode desqualificar os trabalhos do campo, pois acaba arrolando para a LA pesquisas que carecem de rigor científico por não terem critério em sua transdisciplinaridade (não podemos pensar que todas as disciplinas são dialogáveis só porque o rompimento de suas fronteiras é fenômeno da pós-modernidade, e não podemos ser ingênuos e achar

que toda a produção científica das Humanidades é confiável, dada a torrente de publicações atreladas à titulação dos autores).

Ao traçar um panorama da situação da Linguística Teórica no período entre as duas Grandes Guerras, Rajagopalan (2006) toca em uma questão muito importante para pensar o papel da LA na pós-modernidade: a influência de outros ordenamentos discursivos no campo científico.

Segundo o autor, houve uma grande expectativa nesse período com relação à Linguística, no que tange a sua contribuição para as operações de guerra, de modo que os interesses de ambas as partes ficaram diretamente atrelados. Os próprios pesquisadores “foram cada vez mais atraídos pela possibilidade de agradar às agências, cujos interesses específicos demandavam certos tipos de pesquisa em detrimento das demais e, dessa forma, recebiam mais verbas.” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 152). Não é novidade dizer que a Guerra impulsiona pesquisas e traz avanços tecnológicos, como disse Renato Russo em uma de suas músicas, *que a guerra gera empregos, aumenta a produção*.

Isso nos leva a pensar que as práticas científicas sempre estiveram atreladas a interesses particulares, ou que ao menos sempre existiu quem fizesse da Ciência um meio para atingir fins questionáveis. As guerras em todo o globo estão aí para servirem de exemplo do uso de tecnologia para esses fins.

De fato, em era de *tecnologização da linguagem* (FAIRCLOUGH, 2000), é de se questionar o papel da Ciência em relação à própria Filosofia, mãe de todas as ciências. Afinal, para que serve (ou serviu) a Filosofia? Uma possível resposta: para o Homem conhecer a si mesmo. Há na Filosofia, portanto, como indica o próprio nome, um compromisso com a Sabedoria. Esse compromisso acompanhou os estudiosos por muito tempo em sua busca pela Verdade, visto que a Sabedoria é algo que demanda longo empreendimento reflexivo, e muitas vezes pessoal.

Como reflexo do interesse em se conhecer, o Homem fez da Ciência uma *prática* compromissada com a Verdade. Mas que *verdade* é posta em *prática* na pós-modernidade? Ora, com a tecnologização da linguagem, a Sabedoria foi substituída pelo Conhecimento — mais rápido, mais técnico, mais direcionado a um fim específico e, acima de tudo, transferível nas instituições de ensino.

Para ilustrar esse raciocínio sobre Sabedoria e Conhecimento, sugiro um famoso texto de Walter Benjamin (1994), intitulado *O Narrador*. Neste texto, o autor defende que o objetivo das narrativas originais era a troca de saberes com base na experiência vivida e acumulada. Ele contrapõe essas narrativas à narrativa romanesca, afirmando que a forma do romance impediria a troca de saberes entre os sujeitos em uma situação presencial. O texto de Benjamin é precisamente visionário quando coloca em comparação, em uma linha *involutiva*, a sabedoria, o conhecimento e a informação. A sabedoria seria algo que vem com a experiência individual e com o tempo (como no caso do mais velho de uma tribo ou de um filósofo), o conhecimento seria algo que se aprende e se desenvolve de modo especializado (como no caso de um aprendiz em uma oficina ou de um estudante na universidade), e a informação seria efêmera, sua qualidade e utilidade são questionáveis, pois ela só tem efeito em um tempo e espaço específicos (como nas revistas de celebridade ou na mídia sensacionalista). Com base nessa ilustração, pergunto se, em uma era de grande cobrança por especialização dos pesquisadores e por produção científica (artigos, livros, comunicações...), não estaríamos produzindo mais informação e menos conhecimento, visto que sabedoria a ciência já deixou de buscar desde a modernidade. E ainda, qual seria o papel dos estudiosos da linguagem em relação à reprodutibilidade científica?

Rajagopalan (2006) faz em seu artigo um panorama da Linguística (não) Aplicada no que diz respeito ao modo como ela era vista por seus adeptos e ao seu compromisso com a verdade/sociedade. Em outras palavras, o autor traça o percurso da Linguística para opor a esta a Linguística Aplicada, como tem sido comum nos vários artigos da área. O que pode não ter ficado claro é que, ao mostrar como segmentos da própria Linguística se opunham aos segmentos precedentes, Rajagopalan (2006) abriu espaço para a discussão sobre uma outra forma de ver a LA, uma outra forma que difere muito da que tem ocorrido: uma visão de que não há uma Linguística Geral e uma Linguística Aplicada, esta última como dissidência da outra, e sim o contrário, sempre houve apenas *uma* Linguística, que, como tem sido visível no quadro geral da área, foi se tornando cada vez mais *aplicada*.

Em outras palavras, a Linguística *como um todo* foi se tornando

aplicada, e as diferenças que têm suscitado debates entre linguistas só são possíveis de enxergar em um recorte diacrônico, muito mal recortado, por sinal. Em suma, o artigo de Rajagopalan (2006) permite-nos afirmar que só há *uma* Linguística, e que, devido ao novo paradigma científico da pós-modernidade, *só pode ser Aplicada*.

A discussão entre os linguistas toma outra roupagem então: por trás das questões sobre a autonomia das áreas de conhecimento, não se debate *quem é ou não linguista*, e sim *quem é ou não aplicado*. Em todo caso, a partir das possibilidades abertas por Rajagopalan (2006), a resposta seria irrelevante, pois tendo a Linguística se transformado tanto, sempre será necessário, no quadro geral dessa ciência, disciplinas mais teóricas e outras mais práticas, *o que não quer dizer que todos os linguistas ou serão só teóricos ou só práticos*, já que o intercâmbio de informações seria constante e naturalizado. Mas as políticas de financiamento não permitem que as linhas de pesquisa departamentais sejam tão harmônicas assim.

A existência de uma Linguística Aplicada em oposição, concorrência ou co-ocorrência com uma Linguística Teórica moderna pressupõe que possa existir na pós-modernidade alguma ciência que não tenha *aplicabilidade*. Vê-se que as longas discussões sobre o estatuto das disciplinas nas Humanidades, além de se mostrarem ineficazes, não são de cunho teórico ou prático, ou seja, não se pretende com a discussão provar uma teoria ou a sua aplicabilidade no social. A discussão, embora possa tocar em questões de ordem sócio-científica, está subjugada a uma lógica muito mais perversa e que envolve toda a universidade. É sob essa lógica que funcionam os debates departamentais, refletindo não só a importância atribuída a uma ou outra disciplina, mas à universidade como um todo. A universidade, refúgio da ciência, que está sendo construída se preocupa em:

[...] organizar racionalmente métodos e técnicas de ensino e pesquisa, "agilizar" a estrutura administrativa, tornar "mais leves" as instituições por seu desmembramento em unidades cada vez menores, mas sua produção estará submetida a uma transcendência profana, a um saber mais alto que lhe é exterior e ao qual prestará serviços: o mercado. (CHAUÍ, 2009, s.p.)

Isso levanta um tema que não poderia deixar de ser atualizado: globalização. Se a LA estuda problemas em que é central a linguagem

em uso, cabe perguntar: qual o papel da linguagem em um mundo globalizado? Em termos gerais, o mesmo que em épocas remotas: comunicar, criar imagens do mundo, construir sociedades, identidades, dominar o outro, conhecer a si mesmo, etc. Talvez a pergunta deva ser outra: qual o efeito que a globalização provoca na linguagem? Aí sim não estaremos atribuindo um lugar secundário à linguagem (ao se perguntar o papel dela). Não podemos pensar que a linguagem está aí para uso de quem quiser, que ela é um instrumento usado na contemporaneidade para a hegemonia do "american way of life". Não podemos pensar a linguagem em um mundo globalizado como se ela fosse separada do homem e de onde ela se manifesta. Pensamos a *linguagem em uso*, não o *uso da linguagem*. Há sutis diferenças aí. Mas quando pensamos em *modernidade tardia*, *tecnologização da linguagem* e tudo o que esses conceitos trazem, inevitavelmente nos questionamos sobre a lógica do mercado, que, por sua vez, em um mundo globalizado, insere o 'uso da linguagem' em seus domínios. Afinal, o que é ensinar línguas hoje?

À guisa de arremate

Os questionamentos postos aqui não se restringem à LA. Questões de legitimidade institucional e delimitação de áreas tangem a academia como um todo, em especial as Ciências Humanas. No caso da LA, retomar "aquele" debate aparentemente saturado acaba por evidenciar que, em maior ou menor grau, os pesquisadores (aplicados ou teóricos) estão tomando como preocupações fatores que fogem em (quase) tudo o seu objeto de pesquisa, além de evidenciar o atravessamento de interesses nas universidades. E ainda nem trouxemos para discussão a burocratização da universidade, sobre a qual o debate poderia evidenciar também como a universidade tem se distanciado da sociedade, embora as exigências da ciência como prática social exijam o contrário.

Engendramos aqui *um debate sobre o debate* em torno do estatuto institucional da LA. Não devia ser novidade para nenhum pesquisador da linguagem em uso, da linguagem como prática social, que a constituição da produção de conhecimento está mais do que nunca atrelada à lógica capitalista, e que isso influencia diretamente na

maneira como as disciplinas se organizam e nos seus interesses teóricos e práticos. Tentar fugir dessa lógica parece ser uma tarefa impossível, mas a tentativa pode dizer um novo rumo que a universidade deva seguir.

Referências

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.

CAVALCANTI, M. C. Applied linguistics: brazilian perspectives. **AILA Review**. Vol. 17. Ano 2004, p. 23-30.

CHAUÍ, M. Em torno da universidade de resultados e serviços. **Revista Usp**. 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/25/09-chau.html>>. Acesso em: 10 out. 2010.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Análisis crítico del discurso. In: _____. **El discurso como interacción social**. Estudios sobre el discurso II: una introducción multidisciplinaria. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000, p. 367-404.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de lingüística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: 2009. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf>>. Acesso em: 5 abril de 2011.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 113-128.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.)

_____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 149-166.

Recebido em 23 de outubro de 2012.
Aceito em 29 de março de 2013.